

A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

ENTREVISTA COM ISABEL LOPES COELHO

CHILDREN'S REPRESENTATION IN
CHILDREN AND YOUTH LITERATURE

INTERVIEW WITH ISABEL LOPES COELHO

*Ricardo Iannace*¹

*Euclides Lins*²

1 Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH-USP) e professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (FFLCH-USP)

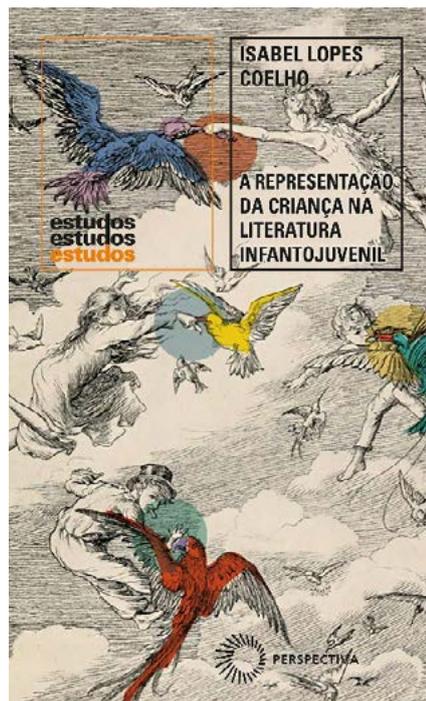
2 Doutor em Letras, mais especificamente com enfoque em Literatura de Língua Portuguesa para crianças e jovens e com ênfase na contística de Hans Christian Andersen. Traduz do italiano ao português (e vice-versa), pesquisador do GPPLCCJ – FFLCH – USP.

Isabel Lopes Coelho é jornalista e autora de *A representação da criança na literatura infanto-juvenil*. Paulistana “da gema”, leitora de sensível recepção de livros desde a infância e na juventude, de obras que modelaram sua vívida memória de intelectual dedicada ao estudo e à editoria para essas fases da vida. De fato, é graduada em Jornalismo na ECA e estudou língua e literatura francesa na FFLCH-USP.

Mestra pela USP, em estudos literários e tradutológicos em francês, língua na qual tem fluência, como igualmente em inglês e alemão. É doutora pelo Departamento de Teoria Literária, da USP, onde defendeu tese sobre literatura do final do século XIX europeu e do início do XX, romances destinados a crianças e jovens. Palmilhando uma metodologia baseada na crítica do filólogo e crítico literário alemão, Erich Auerbach, elaborou suas análises do perfil imaginário da criança em *Sans Famille* (Hector Malot - 1878), *As aventuras de Pinóquio* (Carlo Collodi - 1883) e *Peter e Wendy* (J. M. Barrie - 1911).

Seus estudos de graduação a levaram, contudo, ao universo da editoria de livros, bem como ao trabalho de agente literário na memorável Editora Cosac & Naify, de lamentável encerramento da produção editorial. Daí o uso da terminologia “infantojuvenil” para esse filão, o que se revela distinta de nossa taxonomia empregada como “literatura para crianças e jovens”. Diferença de nomes, mas convergência de conteúdos, embora na ampla diversidade de modos, espécies e gêneros.

Por mais de uma década de trabalho naquela “fábrica editorial de matérias do saber” que foi a Cosac & Naify, Isabel Lopes Coelho aprimorou seus conhecimentos da editoração e da promoção da leitura consagrada ao leitor-criança, ao leitor-jovem... enfim, abriu acesso a muitas obras estrangeiras destinadas a esse público, no Brasil. Tanto frutífero o seu trabalho que foi reconhecida em diversas edições da *Feira do Livro de Bolonha* (Itália) como vencedora de premiações internacionais daquele seletivo evento.



Fruidora de Bolsa de estudos na Alemanha (2016), junto à Biblioteca Juvenil Internacional, em Munique, pôde aprofundar e enriquecer sua pesquisa em vista da tese defendida em 2018, com distintas visões de críticos literários de matrizes anglo-saxônicas. Atualmente exerce a direção da área de Literatura e Educação da Editora FTD, onde promove o “direito à literatura” e a inclusão pela leitura.

No presente número de *Literartes*, entrevistamos, portanto, a Dra. Isabel Lopes Coelho que fala sobre suas vivências literárias e editoriais e nos conduz pelas veredas de sua densa obra publicada em 2020.

Nesta entrevista gentilmente concedida à Revista *Literartes* via e-mail, Isabel Lopes Coelho conta-nos sobre sua trajetória como profissional e pesquisadora, experiências as quais resultaram na publicação de *A representação da criança na literatura infantojuvenil*; título dotado de criteriosa fundamentação, que deve seguramente figurar na biblioteca de amantes e estudiosos da ficção para os públicos mirim e jovem.

Ao longo destas linhas, saberemos quais leituras marcaram a infância da entrevistada, suas escolhas no tocante ao corpus literário e aos postulados teórico-críticos que nortearam sua produção ensaística, bem como aos pontos de vista da autora a respeito do lugar ocupado pela literatura infantojuvenil no âmbito acadêmico.

1. Antes de tudo, gostaríamos de que você se apresentasse, com suas palavras, aos leitores de *Literartes*. Quem é a pesquisadora que publicou a obra *A representação da criança na literatura infantojuvenil*, Isabel Lopes Coelho, que lê e analisa romances para crianças e jovens?

Falar sobre a nossa própria história, especialmente da infância, é assumir que nem todos os fatos são verdadeiros, talvez a maioria seja fabulação (Cf. Martin Robert). E que, em alguns anos, esse quadro poderá ser modificado pela lembrança traiçoeira. Hoje, a Isabel da infância foi impactada por poucos livros que verdadeiramente a marcaram. O primeiro deles *Lucia-já-vou-indo*, de Maria Heloisa Penteado, uma narrativa curta de superação e solidariedade, contada lentamente o que causa uma angústia no leitor, amortizada pelo final da história. Ou então *Flicts*, de Ziraldo, uma história gráfica de solidão e

amizade, que me intrigava mais pelo mistério do que era a Lua do que pela cor em si — que eu achava muito próxima do marrom, e não entendia direito porque tanta comoção. E ainda, o *Sapato que miava*, de Sylvia Orthof, cujas ilustrações da época me impressiona muito. A adolescência não foi marcada por muitas leituras, ainda que *Fernão Capelo Gaivota*, de Richard Bach, se mantém na lembrança como exemplo de liberdade e determinação. Ou, *A erva do diabo*, de Carlos Castañeda, que me impressionou com a sua narrativa vívida e consciente em experiências de perder a consciência. Talvez não possa deixar de fora os contos de Luiz Lopes Coelho, escritor de obras policiais, e meu avô, um incentivador silencioso de narrativas de mistério na minha trajetória.

A escolha profissional se deu pelos cursos de Jornalismo e Letras, cursados na PUC e USP respectivamente e concomitantemente. Ainda na faculdade e após passar por alguns estágios ligados à profissão de jornalismo, fui contratada para ajudar na assessoria de imprensa da Editora Cosac & Naify. Nessa editora, tive a oportunidade de aprender a base do trabalho editorial de uma maneira bem peculiar, formando o meu conhecimento sobre o assunto. Logo nos primeiros anos, fui designada para ajudar na edição das obras do catálogo infantil e juvenil, passando, em seguida, à editora e, posteriormente, à diretora do núcleo. Fiz uma carreira de doze anos na Editora Cosac & Naify, com oportunidades de construção de um catálogo *sui generis*, de projetos ousados e trazendo autores internacionais antes não conhecidos no Brasil, além de uma linha de crítica em literatura infantil bastante prestigiada. O trabalho foi reconhecido internacionalmente com o prêmio BOP na Feira Internacional do Livro de Bolonha (2013) e com diversos convites para participar de eventos internacionais e nacionais.

Sem abandonar o lado acadêmico, ingressei no doutorado na área de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP e, em um hiato profissional, consegui enriquecer a pesquisa com os materiais e leituras proporcionadas

pela *Internationale Jugendbibliothek*³, em Munique, por meio de uma bolsa de estudos. Esse trabalho rendeu a obra *A representação da criança na literatura infantojuvenil* (Ed. Perspectiva, 2020).

O próximo desafio profissional veio com o convite para assumir a área de literatura da FTD Educação, posição na qual estou até hoje. Neste projeto, tenho a oportunidade de atingir o Brasil profundo e realizar um trabalho de literatura e inclusão.

2. Sua obra *A representação da criança na literatura infantojuvenil* apresenta ao leitor uma análise muito bem fundamentada, sobretudo em recorrência a estudos da literatura para crianças e jovens de vertente teórica europeia (franco e anglo-germânica...), de modo a enriquecer a visão da crítica no Brasil. Por que a seleção de obras ficcionais do final do século XIX e início do século XX para a sua análise?

O embrião do projeto de doutoramento surgiu a partir do trabalho editorial que eu desenvolvia na editora Cosac & Naify. Em uma das linhas do projeto editorial da Cosac & Naify, tínhamos a missão de trazer ao público obras de domínio público em edições especiais, não apenas pelo lado estético, mas sim pela investigação editorial sobre a origem dos textos, sua função na época de lançamento e resignificação nos tempos contemporâneos. Durante essa pesquisa editorial, ficou muito evidente que Pinóquio e Peter e Wendy, por exemplo, são marcos da literatura infantojuvenil por tratar com profundidade questões da infância inéditas em livros próprios para esses leitores. Esse aspecto, que une obras tão diferentes inclusive em termos culturais, pode ser observado em outros exemplos de obras do mesmo período, com a diferença de dialogar com os aspectos culturais de seus respectivos países. Essa centelha ficou ainda mais forte quando tive acesso a uma bibliografia crítica de peso, durante o período em que passei na Alemanha, como bolsista. Nesse momento, *Sans Famille* foi incorporado ao *corpus* da pesquisa. Foi

3 Biblioteca Internacional da Juventude

uma época muito prazerosa, de descobertas não apenas acadêmicas, mas intelectuais, que modificaram a minha leitura sobre o legado da literatura infantil e juvenil. Acreditei que esses aspectos eram importantes para serem dialogados no Brasil, cuja pesquisa de obras europeias canônicas ainda conta com pouco material.

3. Como acontece a representação da infância na literatura para crianças e jovens nessas obras e qual peso teria na atualidade do contexto brasileiro?

Em linhas gerais, o livro defende a tese de que a literatura está inserida no contexto sócio-histórico de cada época e cultura. Ela é tanto agente como participante desse cenário. Nesse sentido, cada obra contextualizada com a sua época traz marcos de experiências literárias pioneiras e visões inovadoras. Em *Pinóquio*, por exemplo, vemos a fragilidade do ser humano exposta em uma aventura cujo mote é se libertar das imposições do “mundo adulto” para viver as próprias escolhas com autonomia. Em *Sans Famille*, Rémi representa da criança abandonada, o *enfant trouvé* hugoano, mas que, pela ética e perseverança, vence e é recompensado pelo sofrimento. *Peter e Wendy* estão dentro do contexto vitoriano que tanto influenciou a literatura inglesa, problematizando os papéis femininos e masculinos dentro dessa sociedade.

O leitor brasileiro consumiu, desde sempre, essas obras, mas talvez em um nível mais superficial, influenciado pelos desdobramentos das narrativas simplificadas em outras mídias, especialmente as audiovisuais. Mas acredito que, atualmente, temos uma população leitora mais madura, aberta para novos diagnósticos das obras canônicas. Isso também é reflexo do nosso tempo. Em algumas décadas, novas interpretações podem surgir.

4. Entre os postulados teórico-críticos que balizam esta sua obra, sobressai o método exegético do filólogo alemão Erich Auerbach. A que se deve tal escolha e como esse procedimento estilístico de abordagem literária se opera nas páginas de *A representação da criança na literatura infantojuvenil*?

A obra *Mimesis*, de Erich Auerbach, inspirou o processo metodológico de pesquisa. Em *Mimesis*, Auerbach narra a História da literatura ocidental a partir de obras selecionadas, representativas de cada época. Com o diferencial que a linha guia que passeia pela leitura de cada obra visa responder a pergunta: como se dá a representação da realidade na literatura ocidental? Vários detalhes são envolvidos nessa metodologia, inclusive, a seleção das obras — que parte, como é admitido pelo próprio autor, da relevância histórica e do gosto pessoal. Neste sentido, a influência de Auerbach em *A representação da criança na literatura infantojuvenil* é menos estilística e mais metodológica: observar quais são as obras que respondem à pergunta: como se dá a representação da criança na literatura infantojuvenil da segunda metade do século XIX, respeitando uma premissa, como Auerbach se permitiu, de que o repertório do pesquisador também faz parte dos critérios de seleção do *corpus* da pesquisa.

5. O *corpus* literário eleito como objeto de análise em seu livro denota valoração à alta literatura, isto é, a um cânon no terreno da prosa de ficção infantojuvenil. Poderia comentar essa questão?

Acredito que essa pergunta foi respondida ao longo das respostas anteriores. Mas seria válido dizer que, no momento em que tais obras foram publicadas, elas não representavam “alta literatura”. Aliás, tenho dúvidas se podemos usar esse termo, uma vez que os textos são acessíveis a um grande público. Porém, o movimento que é significativo, por parte também dos pesquisadores, é justamente recolocar essas obras em um patamar de compreensão de que tais obras são bem mais complexas do que aparentemente são.

6. Pensamos que seja importante testemunhar, sumariamente, como se dera a experiência da escrituração de sua tese de doutorado da qual resulta este seu livro.

Ao contrário do que geralmente se relata sobre a redação de uma tese de doutorado, eu tive muito prazer em escrever, foi um momento bastante estimulante, de descoberta intelectual e pessoal. A trajetória foi extremamente positiva, sentia até uma alegria em passar horas e horas imersa na redação, buscando as melhores palavras que pudessem traduzir a sensação das leituras. A parte do livro foi igualmente feliz, no sentido de aparar arestas, tirar os excessos e deixar a redação fluir ainda mais.

7. Na condição tanto de editora de livros dirigidos a crianças e jovens, há anos exercendo essa função, quanto de pesquisadora do texto literário, como você concebe o olhar da academia para o infantojuvenil e pesquisadores desse segmento ficcional? Com vistas ainda a este binômio no âmbito infantojuvenil (casas editoriais e recepção acadêmico-universitária), saberia nos dizer se em países estrangeiros o discurso e a dinâmica são diferentes dos nossos?

Se eu fosse responder essa pergunta há quinze anos, diria que o estudo acadêmico em literatura infantil ainda teria uma estrada longa para ser traçada. Hoje, acredito que temos vários avanços em termos de publicações especializadas que surgem de pesquisas acadêmicas, além de oportunidades de cursos de extensão e pós-graduação, nos formatos presencial e online, que fomentam a pesquisa e divulgam os trabalhos. Ainda que, dentro da academia de fato, especificamente nas universidades, ainda esteja para ser construído um verdadeiro curso de literatura infantojuvenil, com cadeira própria — sem ser a disciplina opcional na graduação, por exemplo. Este sim seria um diferencial grande da nossa atuação em relação ao comportamento da pesquisa internacional, que já tem, com certa maturidade, uma pesquisa acadêmica profunda na área, com subtemas bastante pertinentes e com desdobramentos no mercado editorial bastante efetivos.